

Análise de um olhar feminino sobre a poligamia em Moçambique

JÉSSICA HELENA MANUEL IVO

Resenha: CHIZIANE, Paulina. **Niketche:** uma história de poligamia. Alfragide: Caminho, 2002.

O livro *Niketche*, é um romance escrito por Paulina Chiziane, uma conceituada escritora moçambicana, que começou a sua jornada de publicação por volta de 1984 e, em 1990, lançou o seu primeiro livro: *Balada de amor ao vento*, tornando-se, assim, na primeira mulher moçambicana a publicar um romance. Pela sua dedicação e trabalho, foi honrada pela atribuição do Prémio Camões em 2021, anunciado pela Ministra da Cultura de Portugal que destacou a sua «vasta produção e recepção crítica, bem como o reconhecimento académico e institucional da sua obra» ressaltando a importância que a escritora dedica nos seus livros aos problemas da mulher moçambicana e africana.

Na obra “*Niketche: uma história de Poligamia*”, escrita num contexto póscolonial moçambicano, Chiziane relata a história de Rami, uma mulher casada há 20 anos com Tony, um alto funcionário da polícia, que mantém uma vida polígama sem o conhecimento de sua esposa “oficial”. Ao descobri-lo, Rami embarca num longo e doloroso processo de tomada de consciência sobre a razão da ausência constante do seu marido e sobre a sua visão de si mesma e de outras mulheres envolvidas com o seu marido e existentes na sociedade na qual vivia.

No primeiro capítulo, a personagem Rami é apresentada como uma mãe preocupada com a educação do seu filho, um futuro homem, que cresce sem a voz de comando do pai, devido a constante ausência do

JÉSSICA HELENA MANUEL IVO

Mestre em Ciências Políticas e Relações Internacionais pelo Instituto Político de Bordéus, França. Professora de Ciência Política e Relações Internacionais, Quelimane, Moçambique. Ativista social na área de Género e Desenvolvimento.
E-mail: jessicah.ivo@gmail.com

mesmo. Na sua visão de gestão familiar, Rami se sente insegura e desprotegida, pois a presença de um homem na casa condiciona o respeito que os outros têm sobre a mesma, e por todos os que nela habitam. Embora Rami seja de certa forma acolhida pelas vizinhas que a certificam que o que ela vive não é exclusivo e sim, uma generalidade das mulheres, antes delas e depois delas, isto é, admitam uma normalização da infidelidade como um status quo que faz parte da construção do ser masculino, Rami permanece inconformada e questiona o sentido do amor e a validade do mesmo para as mulheres: “No amor, as mulheres são um exército derrotado, é preciso chorar” (Chiziane, 2002, p.6).

Em uma das passagens marcantes neste capítulo, Chiziane demonstra a grande dificuldade que muitas mulheres encontram para tomar a decisão de se divorciar ou de desistir de uma relação que não está a contribuir para a satisfação do seu desejo de felicidade. Rami vive um misto de sentimentos: revolta pela rejeição, auto-culpabilização e desvalorização da sua autoestima, recusando-se a aceitar o divórcio como opção e embarcando numa luta contra as “usurpadoras do seu marido” para o reconquistar (Chiziane, 2002, p.8- 11).

Rami, ao encontrar Julieta, a primeira concubina do seu marido, transfere para ela todas as culpas pelo falhanço da sua relação com Tony, entra em jogo de comparações sobre as condições de vida entre elas, acreditando que Julieta vivia o mar-de-rosas e o amor que a si deveriam pertencer, por ser a esposa oficial, de papel passado. É bastante interessante a forma como a escritora realçou as principais crenças sociais e discursos emanados por grande parte de mulheres na sociedade moçambicana, e a dualidade de discurso entre esposas e amantes. Quando questionada por Rami sobre a relação entre ela e seu marido Tony, Julieta indaga sobre a essência da poligamia: “E o que significa a palavra teu, quando se trata de um homem?” (Chiziane, 2002, p.25). Julieta, demonstra a Rami que Tony também se tornou ausente para ela e seus filhos, o que chega a reconfortar Rami e ao mesmo tempo a torná-la mais empática com sua rival, até descobrir que existe uma terceira Mulher na vida de Tony.

Ao longo dos capítulos seguintes, Rami continua em busca de uma solução para salvar o seu casamento e recuperar a atenção do seu marido, buscando conselhos e medidas ousadas pois apesar do seu sofrimento, o divórcio não é uma opção a validar, por medo de perder as condições de vida que ainda tem e de perder os seus filhos ou de abandoná-los:

Se eu me divorcio o meu marido vai casar com a Julieta ou com tantas outras, não vale a pena sair daqui. Se eu vou, os meus filhos serão criados por outras, comerão o pão amassado pelas mãos do diabo, não posso sair daqui. (Chiziane, 2002, p.30).

É importante realçar a visão que ainda existe sobre uma mulher divorciada na sociedade moçambicana, à qual a escritora foi fiel. Uma mulher divorciada, principalmente por iniciativa própria, é considerada “culpada” e até mesmo “incompetente”, pois cabe a mulher conservar o seu lar e manter a atenção do homem, seja por truques e incentivos sexuais ou por vias “tradicionais” recorrendo a feitiçaria para que ele permaneça aos seus pés. Optar por partir ou divorciar-se é sinónimo de fraqueza, pois uma mulher sábia e forte, fica e luta com as armas que tiver. Afinal porquê se divorciar-se “todos os homens são iguais?”.¹

Ademais, na zona sul de Moçambique, região maioritariamente patrilinear, os filhos “pertencem” ao pai, pelo que este pode exigir que os filhos, sinónimos de riqueza do homem, permaneçam junto ao pai e futura madrasta. A posição de Rami também nos chama atenção a visão negativista da “Madrasta”, que acaba sendo mais uma das formas de diabolização da Mulher, como aquela que não é capaz de amar e cuidar dos filhos da sua rival.

Tal como refere o título da obra, Niketche, Rami embarca numa dança de amor, de amor próprio e de autoconhecimento, redescobrimo-se a si mesma. Ao participar em 15 aulas de amor como referido no livro, Rami se felicita por ter aprendido como lidar com a preparação para o amor, conhecendo o seu corpo, praticando o alongamento dos genitais, redescobrimo o prazer sexual feminino:

1 Ditado popular em Moçambique.

Enquanto noutras partes de África se faz a famosa excisão feminina, aqui os genitais se alongam. Nesses lugares o prazer é reprimido, aqui é estimulado. A minha professora diz que a preparação para o amor não tem idade e eu acredito. (Chiziane, 2002, p.45).

Este é um importante momento de conscientização da Rami sobre a sua autoestima e um capítulo marcante em que a autora debruça sobre as diferenças entre a educação feminina das mulheres do Sul e do Norte de Moçambique.

A escritora recorre a exemplos reais e descritivos sobre as instituições socioculturais que impactam as relações de gênero e de matrimónio no Sul e no Norte:

No sul, homem que não lobola a sua mulher perde o direito à paternidade, não pode realizar o funeral da esposa nem dos filhos [...]. Mulher não lobolada não tem pátria. É de tal maneira rejeitada que não pode pisar o chão paterno nem mesmo depois de morta. Lobolo no sul, ritos de iniciação no norte [Mulheres e homens que não passaram pelos ritos, são infantilizados]. Instituições fortes, incorruptíveis. Resistiram ao colonialismo, ao cristianismo e ao islamismo. (Chiziane, 2002, p.46-47).

Ao longo dos capítulos em que encontra as outras 4 mulheres do seu marido, Rami é invadida por sentimentos de empatia pelo sofrimento das mesmas e deixa de considerá-las como culpadas pelo seu infortúnio, e passa a vê-las como vítimas e enganadas, tal como ela. Podemos considerar que se trate de um forte momento de sororidade. Este momento é reforçado quando Luísa e Rami partilham o amante (p.81-83), tornam-se cúmplices e compreendem-se, assim como quando Rami começa a ajudar financeiramente as outras Mulheres de Tony (p.90-96).

Um dos momentos fortes do romance dá-se quando Rami propõe que Tony lobole todas as Mulheres, garantindo a elas o respeito e estabelecendo regras que fossem convenientes para todas elas, isto é, institucionalizando a poligamia no seio deles.

Com o passar do tempo, a redescoberta do ser Mulher se fortificou em cada uma das mulheres do Tony, e a emancipação sexual

e financeira tiveram um grande impacto neste percurso. Chiziane de forma sutil e cativante, demonstra como o interesse de cada uma das mulheres, antes dependentes de Tony, se libertaram e procuraram novos interesses e horizontes e se desapegaram da noção de propriedade que tinham sobre o Tony. O final da história demonstra a quebra do ego do Tony, homem alfa, ao ser abandonado pelas quatro Mulheres. O mesmo decide recorrer a Rami endereçando-lhe juras de amor, e o facto desta ser aconselhada pelas suas antigas rivais a não se contentar com tão pouco amor, marca o grande final deste romance cheio de nuances e de descrições contextuais inéditas.

Chiziane utiliza vários termos em língua local (*xichangana*) e claramente explica o conceito de cada um deles ao longo da obra, e explica importantes diferenças socioculturais entre o Norte e o Sul de Moçambique e a sua relação com a posição da Mulher na esfera pública e familiar, o que torna esta obra culturalmente rica e necessária. A sua obra materializa uma visão protagonista da mulher como um ser capaz de se autodeterminar e de se reinventar dentro de um contexto social opressor aos seus desejos, os quais por vezes desconhece.